

## Ser Absurdo

J. Roberto Whitaker *Penteado*

Num encontro sobre direitos humanos, de que participei, apresentei um paper, afirmando que dois livros fizeram a minha cabeça bem cêdo. Por mais que tenha lido e ouvido outras opiniões, sempre achei que as idéias daqueles dois eram certas e definitivas.

Um deles foi *Progresso e Pobreza* de Henry George. George foi um tipógrafo americano, autodidata, que leu as idéias do economista inglês David Ricardo e desenvolveu a proposta do imposto único, baseado no uso da terra. Hoje, ele está convenientemente esquecida. O catálogo online da Livraria Cultura não contem nem o autor, nem o livro. Mas ele chegou a influenciar gente importante, entre 1886 (publicação de *Progresso*) e meados do século passado, como Friedrich Engels (que, contudo, o considerava ingênuo) e o nosso generoso Monteiro Lobato, que, nos últimos anos de vida, se proclamava "georgista" para grande perplexidade das pessoas.

HG achava que a propriedade da natureza era antinatural, pecaminosa até. A natureza existia para servir a todos os seres vivos. Considerando que a terra é um bem finito - escrevia - se quem nasce primeiro dela se apropriar, não haverá nada para os demais. Diante da impossibilidade de uma autoridade suprema mundial para proibir aos homens a posse da terra, então - propunha - que os donos sejam obrigados a pagar um imposto ao estado, proporcional à valorização de suas terras. Como essa valorização era criada pela sociedade e não pelos donos, era justo - e o estado usaria essa receita para fazer a única coisa que o estado deve fazer: aplicar no bem-estar geral.

O outro desses dois livros maravilhosos foi *Growing Up Absurd*, de Paul Goodman. Tive o privilégio de lê-lo pouco depois do lançamento, em 1956, uma dos primeiros livros que li no inglês original. Significativamente, ele jamais foi traduzido aqui e é virtualmente desconhecido. Uma das poucas referências que encontrei foi em Claudio Abramo (*Receita de Jornalista*)\*, afirmando que é preciso, para ser jornalista, ler os libertários americanos, Walt Whitman, Emerson e Paul Goodman.

Li Goodman, adolescente, na época da "juventude transviada" e dos "beatniks" - universalmente censurados pela geração dos meus pais (como são os jovens, em geral, e os marginalizados de hoje, pela nossa). Ele tinha 50 anos, era intelectual, professor, e escrevia - simplesmente - que era impossível aos jovens crescer numa sociedade consumista, dominada por grandes corporações, que tinha a guerra do Vietnã e a revista *Time*, como paradigmas, e a alienação era geral. Considerava a reação dos transviados e dos beatniks natural e até saudável.

Não me tornei transviado, nem virei beatnik. Absurdizei-me, talvez. Como comentava com um amigo, antes de escrever este artigo: nossa escolha foi entre reagir e ser eliminado ou aderir e sobreviver, tentando manter nossa lucidez. Goodman explicava: a economia e a política criaram uma trama tão complexa, que o cidadão comum não consegue sequer imaginar um mundo alternativo.

Mas está aí: George e Goodman, dois americanos, dois caras que pararam para pensar e descobriram que o mundo era absurdo. E continua sendo.

=====

\* Recomendo a leitura do artigo de Abramo, mesmo para quem não é jornalista, em [www.paremasmaquinas.com.br/art076.htm](http://www.paremasmaquinas.com.br/art076.htm)

PENTEADO, J. Roberto Whitaker. *Ser Absurdo*. **JRWP - J. Roberto Whitaker Penteado**, Rio de Janeiro, abr. 2005. Disponível em: <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=255&ID=264>>. Acesso em: 4 set. 2009.